

Desejo e prudência em Spinoza e Deleuze: pistas para uma psicologia spinozista¹

Mariana de Toledo Barbosa²

Resumo: A influência de Spinoza na filosofia de Deleuze é assumida em diversas ocasiões. Deleuze chega a dizer que toda a sua filosofia tendia a uma grande identidade Spinoza-Nietzsche³. Nossa hipótese é que, num esforço coletivo para se pensar o que seria uma psicologia spinozista, Deleuze se apresenta como um valioso intercessor, sobretudo no modo como recupera o desejo e a prudência da *Ética* de Spinoza, introduzindo esses conceitos no campo de sua ética da experimentação. Trata-se de um roubo, visto que Deleuze se considera, como Bob Dylan, um ladrão de pensamentos⁴. E de uma reorientação vertiginosa, uma vez que seu sistema filosófico lida com outras coordenadas⁵. Ainda assim, a perspectiva deleuziana torna perceptíveis e sensíveis pressupostos próprios ao pensamento de Spinoza. E, além disso, cria com ele, e na companhia de Guattari, uma nova consistência para o desejo, que se vale igualmente de elementos oriundos de outros pensadores.

Palavras-chave: desejo; prudência; Spinoza; Deleuze; psicologia spinozista.

Abstract: Spinoza's influence on Deleuze's philosophy is assumed on several occasions. Deleuze even goes so far as to say that his entire philosophy tended towards a great Spinoza-Nietzsche identity. Our hypothesis is that, in a collective effort to think about what a Spinozist psychology would be, Deleuze appears as a valuable intercessor, especially in the way he recovers desire and prudence from Spinoza's *Ethics*, introducing these concepts in the field of his ethics of experimentation. It is a theft, since Deleuze considers himself, like Bob Dylan, a thief of thoughts. And a vertiginous reorientation, since his philosophical system deals with other coordinates. Even so, Deleuzian perspective makes assumptions specific to Spinoza's thought perceptible and sensitive. And, moreover, he created with him, and in the company of Guattari, a new consistency for desire, which also draws on elements from other thinkers.

Key-words: desire; experimentation; prudence; Spinoza; Deleuze.

Introdução

É curioso aludir, em uma *I Jornada de Psicologia Spinozista*, a dois conceitos, desejo e prudência, supostamente recuperados da obra de Baruch de Spinoza por Gilles Deleuze, e notar que, no que diz respeito ao desejo, Deleuze o liga a Spinoza tão-somente de maneira indireta - por exemplo, ao dizer que *O anti-Édipo* era uma espécie de

¹ Este texto é a versão alterada de uma conferência proferida na *I Jornada de Psicologia Spinozista*, ocorrida em junho de 2022, na UFF-Gragoatá.

² Professora da UFF. E-mail: mari_tb@hotmail.com

³ DELEUZE, Gilles. (1990) *Pourparlers*. Paris, Minuit, 2007, p. 185.

⁴ DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. (1977) *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1996, p. 13.

⁵ Sobre o procedimento filosófico de Deleuze, ver: MACHADO, Roberto. (2009) *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, introdução.

spinozismo do inconsciente, ou ao afirmar que o grande livro sobre o corpo sem órgãos (CsO) é a *Ética*⁶ - e que, no que concerne à prudência, não há sequer consenso entre os comentaristas sobre a existência de tal conceito em Spinoza, e dentre aqueles que percebem uma prudência na obra spinozana, a compreensão desta não se dá da mesma maneira.⁷

Se, apesar de todas estas dificuldades, foram estes os conceitos escolhidos para serem tratados, isso se deve à sua importância para se pensar uma psicologia com características spinozistas, pois tais conceitos se situam no cruzamento entre a ontologia, a ética e a política e permitem conceber práticas psicológicas comprometidas com a imanência e com a vida coletiva. Nietzsche nos dá algumas pistas de quais seriam os principais aspectos da filosofia de Spinoza em seu célebre cartão postal a Overbeck, no qual se declara muito próximo do filósofo holandês quando este nega cinco coisas: “o livre-arbítrio, o finalismo, o ordenamento moral do mundo, o desprendimento, o mal”⁸. Um psicólogo incapaz de abdicar dessas coisas está portanto a léguas de uma psicologia spinozista. E nas antípodas dessas coisas, se encontra o desejo, tal qual conceituado por Spinoza e por Deleuze e Guattari. Este é o motivo para abordá-lo. E a prudência?

A prudência é um conceito filosófico tradicional da ética desde ao menos Aristóteles⁹, portanto um conceito imediatamente implicado em nosso modo de viver, e o modo como vivemos é o material de trabalho dos psicólogos. Além disso, a principal inspiração de Deleuze para a criação deste conceito é Spinoza e, na obra deleuziana, inclusive na parceria com Guattari, a prudência é a regra imanente à experimentação desejan¹⁰, a única regulação imanente do desejo de que dispomos. A atribuição de um conceito de prudência a Spinoza não é, contudo, nada evidente. Mesmo na recepção francesa da filosofia de Spinoza, há um notável dissenso. Alexandre Matheron, em um artigo, sustenta não existir tal conceito na *Ética*, depois de um breve e rigoroso exercício de busca, tomando como base a acepção aristotélica de prudência.¹¹ Chantal Jaquet

⁶ Sobre o spinozismo do inconsciente: DELEUZE, *Pourparlers*, p. 198. Sobre ser a *Ética* o grande livro sobre o corpo sem órgãos: DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. (1980) *Mille plateaux*. Paris: Minuit, 2006, p. 190.

⁷ Poderíamos ainda acrescentar que, mesmo quando se trata do desejo, não há uma, mas duas concepções na *Ética* de Spinoza, conforme Cíntia Vieira da Silva destacou em seu artigo: SILVA, Cíntia Vieira da. “Um só ou dois desejos?”. In: *Discurso*, v. 49, n.1, 2019, pp. 71-77.

⁸ SPINOZA, Baruch. *Obras completas II*. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 365.

⁹ Ver: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Forense, 2017. E o importante comentário: AUBENQUE, Pierre. (1963) *La prudence chez Aristote*. Paris: PUF, 2004.

¹⁰ DELEUZE & GUATTARI, *Mille plateaux*, p. 187.

¹¹ MATHERON, Alexandre. “Y a-t-il une théorie spinoziste de la prudence?” In: TOSEL, A. *De la prudence des anciens comparée à celle des modernes*. Paris: Les Belles Lettres, 1995, pp. 129-147.

propõe dois conceitos de prudência em Spinoza, sobretudo a partir do *Tratado da emenda do intelecto* e do *Tratado teológico-político*: como prudência prática ou arte de adaptar-se ao vulgo; como prudência teórica ou virtude do entendimento.¹² Já Laurent Bove faz um estudo robusto, circulando por toda a obra, para mostrar como Spinoza, ao trocar a finalidade pela causalidade, assenta seu conceito de prudência numa ontologia dinâmica e na filosofia política de Maquiavel; dessa maneira, Bove dá ao conceito de prudência um protagonismo inédito na obra spinozana.¹³ De todos esses fios sobre a prudência em Spinoza, seguiremos o de Deleuze. Mas antes percorreremos a concepção de desejo em Spinoza e Deleuze.

Nosso objetivo é extrair desse mapa conceitual alguns elementos para uma psicologia spinozista, contando, para isso, com a intercessão de Gilles Deleuze.

Um breve alerta metodológico: Deleuze e a história da filosofia

O procedimento deleuziano de utilização da história da filosofia não é marcado por uma pretensão de fidelidade ao autor comentado. Ao retomar conceitos de outros autores, Deleuze os subordina a seus próprios problemas e não tem qualquer pudor em destacar tais conceitos do sistema filosófico de origem, pondo-os em relação com outros conceitos, num enquadre sistemático distinto. Para usar um termo de Roberto Machado, Deleuze faz as “torções” necessárias à sua própria criação conceitual.¹⁴ Embora Spinoza seja um de seus mais caros aliados, um filósofo que ele dizia trazer no coração¹⁵, isso não o impede de torcer conceitos e embaralhar coordenadas do pensamento filosófico spinozano. Trata-se de um procedimento que ele adota de maneira declarada, e que, aliás, singulariza a sua filosofia.

É evidente, no entanto, que a retomada conceitual que ele faz não é gratuita ou arbitrária. Se Spinoza é, para Deleuze, o príncipe dos filósofos, é porque institui uma filosofia da imanência que o inspira ao longo de toda a sua obra. Deleuze encontra, neste filósofo do século XVII, uma potência de vida e de pensamento que busca em sua própria filosofia. A partir deste encontro, ele relança problemas e retoma conceitos que nos forcem a pensar, mas que, ao mesmo tempo, sofrem uma variação ao entrar em contato

¹² JAQUET, Chantal. *Spinoza ou la prudence*. 2. ed. Paris: Quintette, 2004.

¹³ BOVE, L. “Introduction: De la prudence des corps. Du physique au politique.”. In: SPINOZA, B. *Traité politique*. Paris: Librairie Générale Française, 2002, pp. 9-101.

¹⁴ MACHADO, Roberto. Op. cit.

¹⁵ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire; BOUTANG, Pierre-André. “C comme culture”. In: *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Paris: Éditions Montparnasse, 1988-1989.

com outros problemas e conceitos, advindos de tantos outros pensadores, com os quais Deleuze compõe sua filosofia à maneira de uma colagem em pintura ou de um teatro filosófico.¹⁶

O desejo em Spinoza

Começamos nossa exploração com o conceito de desejo na *Ética* de Spinoza, lançando mão igualmente dos dois livros de Deleuze dedicados ao filósofo holandês. Na Parte III da *Ética* de Spinoza, intitulada “Da origem e natureza dos afetos”, há três momentos importantes em que o desejo, um dos afetos primordiais para Spinoza, é definido: no escólio da Proposição 9, na demonstração da Proposição 56, e na primeira das “Definições dos afetos” que encerram esta Parte.

No escólio da Proposição 9, Espinosa assinala que o esforço para perseverar em seu ser (*conatus*) recebe o nome de *vontade* quando referido apenas à mente, e de *apetite*, quando referido à mente e ao corpo simultaneamente. E a única diferença entre o apetite e o desejo é que, no desejo, os homens [os seres humanos] têm consciência de seu apetite. Aí surge uma definição de desejo que Deleuze qualifica como nominal¹⁷, a saber: “o Desejo é o apetite quando dele se tem consciência”.

Na mesma Parte III, na Proposição 6, Spinoza havia dito que toda coisa se esforça para perseverar em seu ser, e na Proposição 7, que tal esforço é a “essência atual da própria coisa”. Deleuze explica que o *conatus* é “o esforço para perseverar na existência, uma vez esta dada”, uma vez que a coisa já existe. O *conatus* é, desta maneira, continua Deleuze, “a função existencial da essência”, “a afirmação da essência na existência do modo”.¹⁸ A coincidência entre o *conatus*, ou seja, o esforço para perseverar em seu ser, e o desejo implica tomar o próprio desejo como “essência atual da coisa”. Ou ainda, o desejo seria “o *conatus* que se tornou consciente de si”.¹⁹

É apenas na demonstração da Proposição 56 da Parte III, também conforme Deleuze, que o desejo recebe sua definição real, a saber, aquela que envolve sua causa. Vale a pena reproduzir o trecho:

Ora, o Desejo é a própria essência ou natureza de cada um, enquanto concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada constituição sua, seja qual for (*ver Esc. da*

¹⁶ Sobre o procedimento filosófico de Deleuze, ver também: ABREU, Ovídio. *O combate ao julgamento no empirismo transcendental de Deleuze*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2022.

¹⁷ DELEUZE, Gilles (1968b). *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Minuit, 2005, pp. 210-211, n. 31.

¹⁸ *Ibidem*, pp. 209-210.

¹⁹ DELEUZE, Gilles. (1981a). *Spinoza philosophie pratique*. Paris: Minuit, 2006, p. 136.

Prop. 9 desta Parte); logo, conforme cada um é afetado por causas externas com esta ou aquela espécie de Alegria, Tristeza, Amor, Ódio, etc., isto é, conforme sua natureza é constituída desta ou daquela maneira, assim seu Desejo diferirá da de outro tanto quanto diferem entre si os afetos de que cada um se origina.²⁰

Segundo esta passagem, cada um(a), no encontro com causas externas, é afetado pelos afetos primordiais de alegria ou tristeza, ou por outros afetos derivados, e, a partir deste encontro, deste afeto, é determinada “uma dada constituição” de sua natureza; ou, dito em outros termos, deste afeto “nasce” um desejo. Em suma, a causa do desejo é o afeto engendrado no encontro.

Esta definição real do desejo é retomada e completada na primeira das definições dos afetos que encerram a Parte III da *Ética*:

I. O desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada afecção sua qualquer.

EXPLICAÇÃO

[...] Com efeito, poderia ter dito que o Desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer algo, mas desta definição (*pela Prop. 23 da Parte 2*) não seguiria que a Mente pode ser cônica de seu Desejo, ou seja, de seu apetite. Então, para que eu envolvesse a causa dessa consciência, foi necessário (*pela mesma Prop.*) acrescentar *enquanto é concebida determinada a fazer algo por uma dada afecção sua qualquer*. Pois por afecção da essência humana entendemos uma constituição qualquer desta mesma essência, seja ela inata, seja concebida pelo só atributo do Pensamento, seja pelo da Extensão, seja enfim referida a ambos simultaneamente. Portanto, entendo aqui pelo nome de Desejo quaisquer esforços, ímpetos, apetites e volições de um homem que, segundo a variável constituição do mesmo homem, são variáveis e não raro tão opostos uns aos outros que ele é arrastado de diversas maneiras e não sabe para onde voltar-se.

O desejo é portanto não apenas o *conatus* que se tornou consciente de si, mas “o *conatus* que se tornou consciente de si sob este ou aquele afeto”²¹. Quando uma coisa encontra outra coisa, é afetada, e nasce disso um desejo, sua essência assume uma certa constituição, um certo estado. Falar em afecção ou constituição da essência ou da natureza, como se fossem estados da essência, provoca estranhamento, visto que a essência das coisas é eterna, e não instantânea. Em verdade, expressões como “afecção da essência” ou “estado da essência” são referências à essência *durante a existência*. Deleuze defende que essas expressões aludem a quanto a essência se expressa a cada instante na existência, a como a existência afirma ou não, e afirma mais ou menos, a essência. Essa expressão, ou afirmação, varia, mas, esclarece ainda Deleuze, “esta variação não pertence como tal à essência; pertence apenas à existência ou à duração e

²⁰ SPINOZA, Baruch. (c. 1677) *Ética*. São Paulo: EdUsp, 2015, III, 56, Dem.

²¹ DELEUZE, *Spinoza philosophie pratique*, p. 136.

concerne tão-somente à gênese do estado na existência.”²² A dita constituição ou estado da essência, o desejo que nasce de um encontro, é o efeito de uma variação afetiva que pertence propriamente à existência.

Enquanto existe, uma coisa encontra outras coisas, e, caso se dê um bom encontro, ela sente alegria, aumento de sua potência de agir, de sua força de existir; caso se dê um mau encontro, ela sente tristeza, diminuição de sua potência de agir, de sua força de existir. Os afetos primordiais de alegria e tristeza nada mais são do que essa variação da potência na existência. E como Spinoza define a essência como potência em ato²³, ele menciona a constituição da essência para designar a potência que se expressa ou se afirma a cada instante, e sublinha que há variações nesta expressão, nesta afirmação, de um instante a outro, sendo a alegria a passagem a uma maior potência (ou perfeição, ou realidade), e a tristeza, a passagem a uma menor potência (ou perfeição, ou realidade²⁴). O desejo, ou a essência, da coisa nasce ora da alegria, ora da tristeza, e os demais afetos derivados se encadeiam a partir do desejo assim originado. Quando o desejo nasce da alegria, este afeto convém com a natureza da coisa e sua potência de agir é aumentada ou ajudada, seu esforço para perseverar na existência, favorecido. Quando o desejo nasce da tristeza, este afeto não convém com a natureza da coisa, e a potência de agir da coisa é, de certa forma, diminuída ou impedida, como se dela fosse subtraída a potência da coisa externa, pois todo seu esforço para perseverar na existência é investido em abreviar o mau encontro.²⁵ Por isso Spinoza estabelece, na Proposição 18 da Parte IV: “O Desejo que se origina da Alegria é mais forte (sendo iguais as outras condições) do que o Desejo que se origina da Tristeza”. E continua na demonstração da mesma Proposição:

O Desejo é a própria essência do homem (*pela I. Def. dos afetos*), isto é (*pela Prop. 7 da Parte 3*), o esforço pelo qual o homem se esforça para perseverar em seu ser. Portanto, o Desejo que se origina da Alegria é favorecido ou aumentado pelo próprio afeto de Alegria (*pela Def. de Alegria, que se pode ver no Esc. da Prop. 11 da Parte 3*); e aquele que, ao contrário, se origina da Tristeza é diminuído ou coibido pelo próprio afeto de Tristeza (*pelo mesmo Esc.*). Por isso, a força do Desejo que se origina da Alegria deve ser definida pela potência humana e simultaneamente pela potência da causa externa, mas a força do Desejo que se origina da Tristeza deve ser definida só pela potência humana, e assim aquela é mais forte que esta.

Ao analisar todas essas passagens da *Ética* de Spinoza, Deleuze se apoia em sua leitura da filosofia spinozana à luz do problema da expressão. Dentre os diversos aspectos

²² Ibidem, p. 57.

²³ “Toda potência é ato, ativa, e em ato.” (DELEUZE, *Spinoza philosophie pratique*, p. 134 ss.)

²⁴ “Por realidade e perfeição entendo o mesmo” (SPINOZA, *Ética*, II, Def. 6.).

²⁵ DELEUZE, *Spinoza et le problème de l’expression*, pp. 219-222.

da ontologia expressiva spinozana destacados por ele, interessa circunscrever, para tratar do desejo, a expressão da essência dos modos finitos. Conforme a formulação de Deleuze, a essência do modo finito é um grau de potência ou de intensidade, que se expressa de duas maneiras. Segundo um eixo cinético, a essência se expressa numa relação ou proporção de movimento e repouso, de velocidades e lentidões, que subsume partes extensivas; ou ainda, a essência se expressa num ritmo. Explorando a “Pequena Física” de Spinoza, que se situa entre as Proposições 13 e 14 da Parte II da *Ética*, Deleuze destaca que um indivíduo existe quando a ele pertencem partes extensivas, ou corpos simples, que se compõem de modo a efetuar um certo ritmo, ou ainda, nas palavras do próprio Spinoza, “que comunicam seus movimentos uns aos outros numa proporção certa”²⁶. Conforme um eixo dinâmico, a essência se expressa num poder de afetar e ser afetado, numa capacidade afetiva, preenchida por afecções. Era a essa segunda compreensão da expressão da essência que referíamos anteriormente: a essência se expressa, ou se afirma, na existência, em uma potência de agir, em uma força de existir, em uma variação afetiva ou intensiva. Essas duas maneiras pelas quais a essência se expressa são inseparáveis: quando há uma composição de ritmos entre modos, o encontro é bom, produz-se alegria, e o desejo se fortalece; quando há uma decomposição, um ritmo externo atrapalha o ritmo do indivíduo²⁷, engendra-se a tristeza, e o desejo se enfraquece.

O desejo e os diversos sentidos da experimentação em Deleuze e Guattari

Marcados por Spinoza e outros autores, Deleuze e Guattari lançam seu próprio conceito de desejo em *O anti-Édipo*. Neste livro, o problema da expressão perde momentaneamente a centralidade, mas as composições e decomposições de ritmos e as variações afetivas são decisivas para a concepção do desejo como princípio imanente de produção do real. As máquinas desejantes e suas sínteses contam com elementos dos pensamentos de Freud, Marx, Nietzsche, e mesmo Kant, mas retiram do indivíduo em Spinoza a possibilidade de composição ao infinito e de produção de intensidades. Em *O anti-Édipo*, tudo é máquina de máquina, e as máquinas desejantes se conectam ao infinito,

²⁶ SPINOZA, *Ética*, II, 13, Lema 3, Def.

²⁷ Convém enfatizar a concepção pouco usual de “indivíduo” em Spinoza: o indivíduo, para o filósofo, é sempre infinitamente composto, e esta composição, levada às últimas consequências, nos conduz ao maior de todos os indivíduos, a saber, a Natureza. Tal concepção, também apresentada na “Pequena Física”, motivou Balibar a desenvolver um estudo sobre o transindividual em Spinoza: ver BALIBAR, Étienne. *Spinoza politique: le transindividuel*. Paris: PUF, 2018.

num funcionamento orientado pelas sínteses do inconsciente, que desemboca na produção de intensidades, e assim se produz o próprio real.²⁸

Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari se desfazem das sínteses do inconsciente inspiradas em Kant e se dedicam a uma lógica das multiplicidades, que abarca ainda outros funcionamentos, para além do desejante e do social, detalhadamente trabalhados em *O anti-Édipo*. As máquinas desejantes cedem espaço aos agenciamentos, e a operação do desejo agora se chama experimentação. Experimentar é buscar as composições que produzem intensidades, que aumentam a potência. Spinoza se mantém, e de maneira ainda mais explícita, um pensador incontornável, pois a experimentação deleuzo-guattariana advém da teoria das noções comuns de Spinoza, embora não se reduza a ela. Inicialmente, Deleuze e Guattari estimam que há experimentação quando, num bom encontro, um indivíduo se esforça para compreender o que há de comum entre ele e a coisa externa que com ele se compõe. Este esforço pode eventualmente levá-lo a formar uma noção comum, sendo esta uma ideia adequada, de segundo gênero, acerca da composição que ele protagoniza. Uma ideia adequada envolve causa e efeito. No segundo gênero de conhecimento, os efeitos são a composição e a alegria, e a causa envolve a natureza das duas coisas que se encontram, cuja composição rítmica é elucidada por uma lei de composição da natureza, ou ainda, por uma noção comum. A consequência é que o próprio indivíduo, sua natureza, é causa da composição. Então, se ele compreende isso, compreende algo de sua própria natureza, e se percebe, ele próprio, como causa adequada de sua alegria. Neste momento, se torna ativo, pois deixa de apenas padecer um efeito para ser causa adequada deste efeito, e livre, porque esse efeito não apenas é favorável à sua natureza, como decorre dela. Deleuze percebe um salto ético quando se dá a conquista da ação e da liberdade, por mais efêmera que seja.²⁹

Liberdade, em Spinoza, não é livre arbítrio, mas algo que se conquista pontualmente quando uma ação decorre da própria essência ou natureza da coisa. Tudo é necessário na natureza, e o homem faz plenamente parte da natureza, então suas ações e paixões não escapam da determinação das leis da natureza. Sua única maneira de se tornar livre, já que sua liberdade não está dada, é compreender algumas dessas leis da natureza de maneira a favorecer a afirmação de sua essência, ou seja, de maneira a ser determinado

²⁸ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. (1972) *L'Anti-OEdipe*. Paris: Minuit, 2008, primeiro capítulo.

²⁹ DELEUZE, *Spinoza philosophie pratique*, p. 81.

em seu desejo a agir em conformidade com a sua natureza, perseverando em seu ser e conquistando a sua potência de agir e de pensar.³⁰

A grande dificuldade é que o homem nasce ignorante destas leis da natureza e, em função disso, padece, é determinado por causas externas que o distanciam cada vez mais de sua liberdade. Sendo assim, como se orientar na busca por noções comuns? Quais são as coordenadas da experimentação neste primeiro momento?

Enquanto é completamente ignorante, o homem se orienta por indícios, por signos. Ele dispõe de seus afetos primordiais de alegria e tristeza que indicam respectivamente que houve composição ou decomposição de seu ritmo, de sua proporção ou relação característica de movimento e repouso, de velocidades e lentidões. Em suma, ele sente sua potência de agir, sua força de existir, aumentar ou diminuir, seu desejo, se fortalecer ou enfraquecer. Por isso, no segundo escólio da Proposição 45 da Parte IV, Spinoza toma a alegria como regra de vida.

Em seu primeiro momento, a experimentação é portanto a seleção das paixões alegres. Como o homem é ignorante das causas de suas alegrias, ele necessariamente padece, é determinado por causas externas e apenas recolhe os efeitos dos encontros. Mas há dois modos de padecer: as paixões tristes, que enfraquecem o desejo, e as paixões alegres, que o fortalecem. Em nenhum dos casos, o homem é ativo e livre, mas com as paixões alegres, ele se aproxima de uma atividade, ele aumenta as chances de conquistar sua liberdade e ter uma vida mais intensa. Ao contrário, as paixões tristes diminuem cada vez mais sua potência de agir, impedem a produção de intensidades. Selecionar as paixões alegres, viver segundo a regra da alegria, é o primeiro sentido da experimentação: esforço para organizar os encontros, insistindo mais nos alegres do que nos tristes. Ou ainda, na diversidade de aspectos que todo encontro comporta, com suas faces alegres e tristes, - já nenhum encontro é inteiramente bom e alegre ou inteiramente ruim e triste - se conectar com as faces alegres, dando prevalência aos aspectos bons do encontro, e menos importância aos aspectos ruins.

Num segundo sentido, a experimentação é o esforço de compreensão da composição que ocorre em um bom encontro, a já aludida busca por noções comuns, que tornam os indivíduos livres e ativos, fazem deles causas adequadas de seu aumento de potência. Este é o sentido que contempla o salto ético, que ocorre no intervalo entre o primeiro gênero de conhecimento, quando o indivíduo é inteiramente ignorante das

³⁰ Ver: CHAUI, Marilena. “Breve Apresentação”. In: SPINOZA, Baruch de. *Ética*. São Paulo: EdUsp, 2015.

causas, e o segundo gênero de conhecimento, quando começa a apreender as leis naturais que regem as composições rítmicas e as noções comuns.

Por fim, num terceiro sentido, marcado pela passagem ao terceiro gênero e ao conhecimento das essências, alcançamos a experimentação da própria essência, o sentimento da coexistência da essência e da existência: trata-se de sentir a eternidade durante a existência. “Sentir e experimentar que somos eternos”: talvez a mais bela fórmula filosófica. Isso ocorre quando nos esforçamos para desdobrar ao máximo a nossa potência e nos tornamos criadores, expressando, afirmando, toda a nossa essência.

De um sentido a outro da experimentação, a intensidade da vida, a força do desejo, aumentam. Trata-se de um longo aprendizado ético, que não é isento de riscos.

Prudência: a regra imanente à experimentação desejante

Porque nasce ignorante e passa a maior parte da vida - senão toda - imerso nessa ignorância, quando o indivíduo se engaja na experimentação, os riscos são inúmeros: o fracasso na composição, a decomposição, a diminuição da potência, a interrupção da experimentação, a multiplicação de empecilhos à experimentação, e mesmo o desvio da experimentação para um empreendimento mortífero, que ameace a vida ao invés de intensificá-la, que desnature o desejo e substitua o esforço para perseverar na existência por atentados contra a vida - a neurose, a loucura, a morte, o fascismo... Como enfrentar tantos perigos sem abdicar da experimentação como aprendizado ético?

A prudência é o conceito que responde a esse problema, é a regra imanente à experimentação desejante que funciona como condição para a continuidade do processo. Trata-se de uma avaliação feita no meio da experimentação, que dosa os riscos, sempre levando em conta as indicações dos afetos, a variação da capacidade afetiva do indivíduo, assim como de seu ritmo, dentro de limiares compatíveis com a existência. A prudência tem em conta os dois eixos do indivíduo - cinético e dinâmico, ritmo e capacidade afetiva - para estimar o que ele pode suportar a cada momento. É uma espécie de dose (ou dosagem) contra a overdose: escrevem Deleuze e Guattari. Essa arte das doses pode até sinalizar a necessidade de suspender a experimentação, mas, em geral, ela tende a modular seu ritmo, sua extensão, sua intensidade, de modo a garantir que ela continue. Trata-se de um cálculo aproximado. O risco não é eliminado, mas reduzido. A garantia

não é total. E pode ser que, de uma hora para outra, algo saia errado. O importante é que, neste caso, a experimentação possa ser relançada.³¹

É curioso que Deleuze e Guattari recorram a Spinoza para falar em prudência, já que sequer há um consenso sobre a existência de uma prudência em Spinoza. Alexandre Matheron, por exemplo, não parece convencido disso. Por outro lado, Laurent Bove faz uma belíssima teoria da prudência em Spinoza. E Chantal Jaquet dá igualmente sua versão do conceito. Nenhuma dessas leituras coincide com o que trazem Deleuze e Guattari. Além disso, os autores aludem a uma oposição entre prudência e sabedoria que faz mais pensar em Aristóteles, e na célebre leitura que dele desenvolve Pierre Aubenque, do que em Spinoza. Entretanto, eles são explícitos quanto à origem spinozista da experimentação, e Deleuze também indica, em seu segundo livro sobre Spinoza, que a “longa prudência” inerente à experimentação é uma “sabedoria spinozista”, deixando claro com que filósofo ele está construindo seu próprio conceito de prudência³².

Tomar Spinoza como aliado para pensar a prudência faz com que esta deixe de ser um simples componente da filosofia prática e passe a ter uma relevância ontológica. Deleuze é spinozista ao manter, em sua filosofia, a estrita relação entre ética e ontologia. Mas inverte os termos: em Spinoza, a ontologia é a condição da ética, ao passo que, para Deleuze, a ética é uma condição prática da ontologia. Há um construtivismo ontológico que faz com que o ser precise ser construído a partir dos encontros entre os indivíduos. Assim, a prudência é o princípio imanente da experimentação desejante, é o que orienta o aprendizado ético (e político), e é a partir desta composição entre indivíduos, conquistada a partir dos bons encontros, que se constrói o ser - o que Deleuze e Guattari chamam, à sua maneira, mas sempre inspirados por Spinoza, de plano de imanência. Então a prudência faz parte da filosofia prática, mas a filosofia prática é a condição da ontologia, o que faz o conceito de prudência ter um papel na própria construção do ser.

Considerações finais: pequeno manual para uma psicologia spinozista

Quando a psicologia se orienta por esses elementos da *Ética* de Spinoza e da ética de Deleuze (e Guattari) - o desejo, a experimentação, a prudência -, de alcance não somente ético e clínico, mas também político, ela se mune de algumas instruções interessantes:

³¹ DELEUZE & GUATTARI, *Mille Plateaux*, 6º platô.

³² DELEUZE, *Spinoza philosophie pratique*, p. 168.

1º Os indivíduos são absolutamente singulares e nada sabemos, de antemão, sobre aquilo que os compõe ou decompõe, aumenta ou diminui a sua potência. - Os psicólogos não são diferentes dos outros seres humanos quanto à ignorância das leis da natureza. Nós não sabemos muito mais do que os indivíduos que nos procuram em busca de ajuda. Somos postos em um lugar de autoridade porque imaginam que sabemos algo sobre a natureza do ser humano, mas cada ser humano é singular, e desconhecemos a natureza singular dos seres humanos que encontramos, tanto quanto qualquer outro indivíduo.

2º Uma psicologia spinozista é incompatível com a ocupação de um lugar de poder.

3º Não há modelo para a existência.

4º O único critério de que dispomos para buscar uma vida intensa é a alegria.

5º A tristeza atrapalha a compreensão, ao invés de ajudá-la. Mas compreender a tristeza pode ser muito útil em meio a maus encontros inevitáveis.

6º É mais fácil, embora ainda difícil, compreender uma alegria do que uma tristeza. A alegria eventualmente favorece a compreensão.

7º Os afetos são as melhores pistas de que dispomos para o aprendizado ético. E é nesse sentido que Deleuze e Guattari propõem substituir a interpretação pela experimentação.³³

8º Nossos encontros com os indivíduos com quem trabalhamos também devem ser avaliados, antes de mais nada, pelo critério do afeto.

9º O ritmo também é algo decisivo em qualquer processo, e a que é preciso estar atento.

10º Nós mesmos precisamos nos esforçar para nos compor com aqueles que nos procuram.

11º Uma psicologia spinozista é inseparável da perspectiva da imanência, ou seja, tudo deve ser avaliado desde dentro da experimentação, segundo a regra da prudência e as coordenadas dos ritmos e dos afetos.

12º A experimentação precisa ser relançada a cada interrupção, e continuada quando se está no meio dela.

13º O objetivo de qualquer experimentação, de todo aprendizado ético, é aumentar a potência.

Recebido em 30/01/2023

Aprovado em 17/07/2023

³³ Há um outro sentido de “interpretação” na obra de Deleuze que permanece valorizado por ele: a busca do sentido por meio da pergunta nietzschiana acerca da força que se apropria do fenômeno em questão. Interpretar seria indagar: qual força prevalece, a ativa ou a reativa? Sobre isso, ver: DELEUZE, Gilles. (1962) *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF, 2005, p. 61 ss.